

A LOUCURA COMO INSTRUMENTO DE EXCLUSÃO SOCIAL

Rebeca Paschoal Nunes¹.

¹Centro Universitário Única (UniÚnica), Rio de Janeiro, RJ. <http://lattes.cnpq.br/3704492758854033>

PALAVRAS-CHAVE: Segregação social. Institucionalização. Saúde Mental.

DOI: 10.47094/ICOLUBRAPECI.2026/RE-7

INTRODUÇÃO

Foucault, em seu livro *História da Loucura*, fala sobre a loucura – o que hoje entende-se por deficiências, síndromes e transtornos –, mais precisamente sobre a exclusão daqueles que eram chamados de loucos e de sua privação, por meio de internação, da sociedade, tendo início com as construções dos leprosários e do internato como modelo de tratamento, exclusão e limpeza social.

Tratando da Europa, mais precisamente da França, nos séculos XV ao XVII, devido aos casos de hanseníase, ou como chama Foucault em seu livro, lepra, foram criados locais, os leprosários, onde pessoas com hanseníase ingressavam para receber tratamento e acabavam excluídas da sociedade, nesse caso para que não houvesse a proliferação da doença.

É a partir deste modelo de “cuidado excludente” que nascem os locais que mais tarde se remodelaram e se tornaram os asilos e os manicômios. A exclusão dessas pessoas, em uma visão religiosa, tão forte na época, era entendida como uma forma de redenção dos pecados. Dessa forma, aqueles que abandonavam os leprosos acreditavam estar levando-os ao caminho da salvação.

Com o fim do surto de hanseníase, as doenças venéreas herdaram não somente o espaço físico dos leprosários, porém também a exclusão dos doentes. Posteriormente, essa exclusão passa a atingir pobres, vagabundos, presidiários e aqueles considerados alienados. Assim, a loucura torna-se um fenômeno associado ao isolamento e ao afastamento social.

OBJETIVO

Analisar como a loucura foi utilizada historicamente como instrumento de exclusão social, compreendendo os processos de isolamento, internação e medicalização dos indivíduos considerados loucos, tanto na Europa quanto no Brasil.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza básica e objetivo exploratório. Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, realizada a partir da leitura e análise da obra *História da Loucura*, de Michel Foucault, além de artigos relacionados à história da psiquiatria no Brasil.

A análise foi desenvolvida por meio da interpretação dos conteúdos apresentados pelos autores, buscando compreender como os processos históricos de exclusão contribuíram para a construção da loucura enquanto problema social, médico e moral.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A internação excludente não foi o único modelo de limpeza social empregado na história. Segundo Foucault, havia também a “Naus dos loucos”, navios que levavam as pessoas consideradas loucas para longe das cidades onde estavam. Essas pessoas eram devolvidas às suas cidades de origem ou mesmo largadas pelo caminho. Utilizava-se como justificativa a falta de verba para cuidar dos loucos de outros locais.

A “Naus dos loucos” tinha ainda o objetivo de evitar a vagabundagem, garantindo que essas pessoas indesejáveis para a sociedade fossem para longe e não voltassem mais. Havia, por trás dessas práticas, simbolismos religiosos e pagãos que tornavam tais ações aceitáveis pela sociedade. No caso da hanseníase, acreditava-se na redenção; no caso da Nau, acreditava-se na purificação e em uma nova vida após a travessia do mar.

Essas pessoas eram despejadas das cidades onde viviam, não tinham identidade, direitos ou respeito, sendo jogadas à própria sorte. Alguns locais até acolhiam os loucos, porém sem oferecer tratamento adequado.

No Brasil, a história da loucura não difere muito da França. Os loucos conviviam socialmente entre o século XVI e o início do século XIX. Porém, no século XIX, a loucura passou a ser percebida como desordem e perturbação da paz social. Dessa forma, os loucos foram cada vez mais retirados da sociedade, sendo isolados em porões das Santas Casas da Misericórdia e prisões públicas.

A falta de higiene, de tratamento adequado e a exclusão social tornavam impossível a cura dessas pessoas. Isso levou médicos e autoridades da época a reivindicarem a criação de um local específico para os loucos: o hospício. Assim surgiu o Hospício Pedro II, criado com a finalidade de retirar os loucos das ruas e tratá-los em um espaço próprio.

A loucura sempre foi alvo de um discurso religioso, mas com a República o discurso médico-psiquiátrico passa a ocupar esse lugar. A psiquiatria transforma a loucura em doença mental, fortalecendo o poder médico sobre os indivíduos internados. Cabia ao médico definir quem era normal e quem era anormal, produzindo discursos sobre a doença mental.

Além disso, o trabalho terapêutico realizado nos hospícios se tornou uma das principais ocupações dos pacientes. Oficinas de artesanato, jardinagem e trabalhos internos eram utilizados como formas de tratamento e também contribuíam para a manutenção financeira das instituições.

Dessa maneira, percebe-se que os hospícios funcionavam não apenas como locais de tratamento, mas também como instrumentos de controle social e exclusão dos indivíduos considerados diferentes da norma estabelecida pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a loucura foi historicamente utilizada como instrumento de exclusão social. Desde os leprosários até os hospícios, os indivíduos considerados loucos foram afastados da sociedade, privados de direitos e submetidos a práticas de isolamento justificadas por discursos religiosos, morais e médicos.

As contribuições de Michel Foucault permitem compreender que a loucura não foi apenas uma condição médica, mas também uma construção social utilizada para legitimar práticas de segregação e controle social. No Brasil, esse processo ocorreu de maneira semelhante à Europa, fortalecendo a institucionalização e a medicalização da doença mental.

Assim, compreender a história da loucura é fundamental para refletir sobre as práticas atuais de saúde mental e sobre a importância de políticas mais humanizadas e inclusivas.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

BATISTA, Michele Marques. História da loucura: da exclusão social à reforma psiquiátrica. Revista Científica, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 394-399, 2004.

FOUCAULT, Michel. História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 1978.